

# A EXPANSÃO URBANA DE PARINTINS: PRODUÇÃO DO ESPAÇO, AGENTES E PROCESSOS SOCIOESPACIAIS

Rodrigo dos Anjos Carvalho<sup>1</sup>  
Estevan Bartoli<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de compreender como se deu o processo de expansão territorial urbana de Parintins descrevendo e analisando a dinâmica e periodização do processo de ocupação na configuração da cidade. Objetivamos analisar a expansão urbana de Parintins com enfoque nos agentes produtores do espaço, identificando como foram sendo ocupados lotes e glebas que deram origem aos bairros, na medida em que a área de expansão foi tomando novas configurações. Mostramos através de mapas, como se deu o crescimento e os fatores determinantes para a ocupação de como está se configurando o chamado espaço periurbano. Relacionamos tal crescimento às sucessivas crises das atividades rurais, ao déficit de moradias e aos múltiplos interesses e associações dos proprietários de terras com os contextos políticos de cada fase. Iniciamos com a localização e o histórico de Parintins buscando conhecer como se deu seu processo de ocupação. Apresentamos a configuração urbana identificando como se deu a formação da malha estruturante inicial e sua expansão. Analisamos as ocupações que deram origem aos primeiros bairros e a criação do primeiro conjunto habitacional financiado. Foram abordadas também as ocupações devido à grande enchente (1975). Mencionamos ainda a especulação imobiliária, onde proprietários lotearam seus terrenos transformando-os em bairros por causa da inversão ainda em curso da população rural em urbana. Fizemos uma abordagem sobre o ciclo das invasões em antigas fazendas, mostrando que a valorização das terras urbanas fez com que a população de baixa renda ocupasse tais glebas então periféricas. Averiguamos a expansão dos loteamentos recentes, tendo como principal agente regulador o Estado (prefeitura), os agentes imobiliários e a participação dos agentes fundiários, destacando os fatores determinantes para transformar a terra rural em terra urbana na área periurbana. E por fim explanamos as características da formação dos bairros através de croquis e os limites periurbanos de Parintins. Portanto, neste sentido, a nossa pesquisa nos possibilitou desvelar a ação dos agentes da produção do espaço urbano da cidade Parintins, ao passo que revelou os conflitos e os interesses engendrados no processo de expansão.

**Palavras-chaves:** Expansão urbana. Agentes produtores do espaço. Parintins

---

<sup>1</sup>Discente do Departamento do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP

<sup>2</sup>Prof. Msc. do Departamento do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP

# 1. INTRODUÇÃO

Para compreender o processo de expansão territorial urbana de Parintins é necessário descrever e analisar a dinâmica e periodização do processo de ocupação que está relacionado à configuração da cidade desde as primeiras áreas de expansão até os últimos anos através das invasões e da especulação imobiliária ligada aos loteamentos de glebas rurais para uso urbano.

Com o objetivo principal de analisar expansão urbana de Parintins com enfoque nos agentes produtores do espaço, identificamos como foram sendo ocupados lotes e glebas que deram origem aos bairros, na medida em que a área de expansão foi tomando novas configurações. Averiguamos que alguns fatores foram determinantes para essas novas ocupações na cidade mostrando através de mapas como ocorreu esse crescimento e como está se configurando o espaço periurbano da cidade. Pretendendo relacionar tal crescimento às sucessivas crises das atividades rurais, ao déficit de moradias e aos múltiplos interesses e associações dos proprietários de terras com os contextos políticos de cada fase.

Para realização do trabalho, foram levantadas bibliografias sobre a cidade de Parintins e referências teórico-metodológicas em geografia urbana. Além disso, realizamos trabalho de campo e entrevistas com moradores antigos com intuito de conhecer, a partir dos relatos orais, o processo de ocupação da cidade. Buscamos também, informações complementares junto às repartições públicas para melhor compreendermos o processo de produção do espaço.

O trabalho está estruturado e organizado inicialmente com a localização e o histórico de Parintins buscando conhecer como se deu o processo de ocupação no lugar embasando em autores locais<sup>3</sup>. No segundo momento apresentamos a configuração urbana identificando como se deu a malha estruturante inicial, as primeiras edificações e a composição da malha e sua expansão de forma gradual. No terceiro momento analisamos as ocupações que deram origem aos primeiros bairros nas décadas de 1940 a 1960 e a criação do primeiro conjunto habitacional financiado. Foram abordadas também as ocupações nos anos de 1970 devido a grande enchente na época configurando-se novos bairros. Abordamos ainda a especulação imobiliária dos anos de 1980 onde os proprietários lotearam seus terrenos transformando-os em bairros. Período também em que ocorre a inversão da população rural em urbana.

Fizemos uma abordagem sobre o ciclo das ocupações irregulares ocorridas nos anos de 1990 em antigas fazendas, mostrando que a valorização das terras urbanas fez com população de baixa renda ocupassem espaços irregulares. No último momento foi abordada a expansão

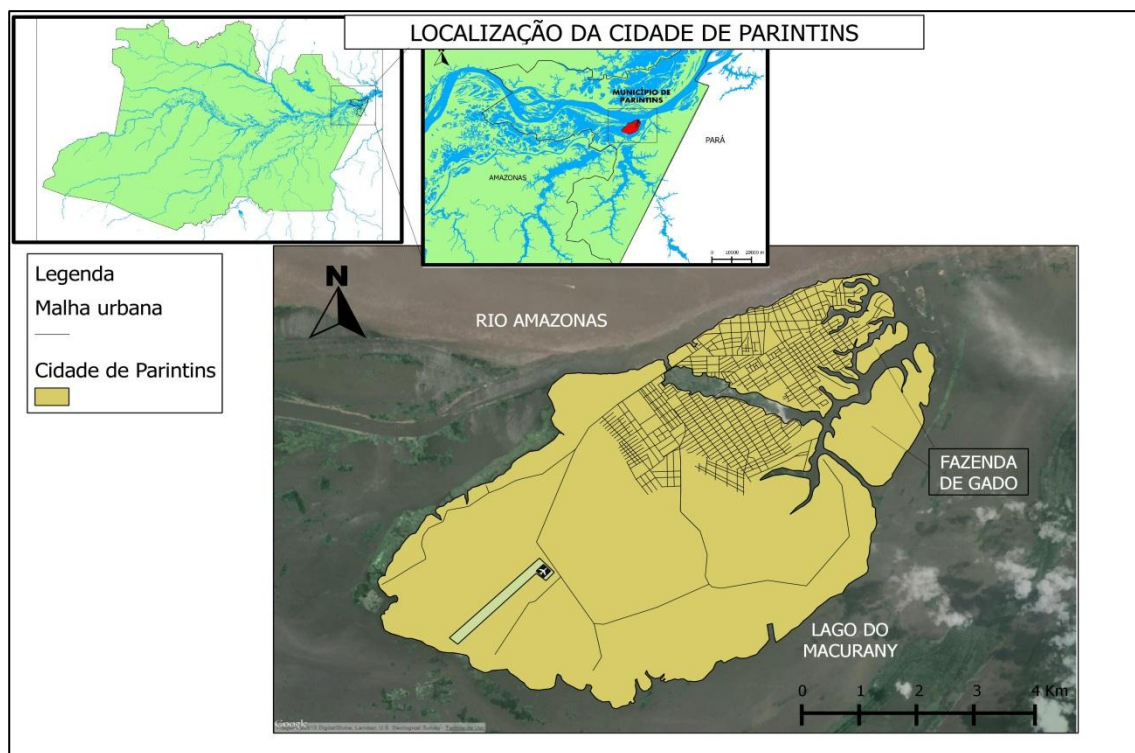
---

<sup>3</sup>Saunier (2003), Bettencourt (1924), Reis (1967) e Souza (2002)

dos loteamentos nos anos 2000, tendo como principal agente regulador o Estado (prefeitura), os agentes imobiliários e a participação dos agentes fundiários, destacando os fatores determinantes para transformar a terra rural em terra urbana na área periurbana e explanamos as características da formação dos bairros e os limites periurbanos de Parintins.

## 2. LOCALIZAÇÃO E BREVE HISTÓRICO DE PARINTINS

O município de Parintins com uma área territorial de 5952 km<sup>2</sup> situa-se na 9ª sub-região, no baixo Amazonas, nas coordenadas geográficas de 2° 36' 48'' latitude sul e 56° 44' 9'' de longitude oeste, e 50 m acima do nível do mar (SOUZA, 2006). A cidade situa-se à margem direita do rio Amazonas<sup>4</sup>.



Mapa 01: Localização da área de estudo.

Fonte: Base cartográfica do IBAMA- organizado pelos autores.

Ao destacar os aspectos históricos de Parintins, nos embasaremos em autores como Saunier (2003), Bettencourt (1924) e Reis (1967)<sup>5</sup>. Os mesmos citam que desde o século XVII, há registro da chegada dos missionários na região de Parintins onde permaneceram até quando o padre alemão João Felipe Bettendorf em 1669 fundou a igreja de São Miguel, e até

<sup>4</sup> A sede do município está próxima a foz do Paraná do Ramos, que corresponde a um arquipélago. Sua população é de 102.033 hab. sendo 69.890 na área urbana e 32.143 na área rural segundo o IBGE de 2010.

<sup>5</sup> Em suas obras relatam acontecimentos históricos da região desde os meados do século XVI com as existências de tribos indígenas no local desde os anos de 1542, descrito pelo frade dominicano Gaspar de Carvajal em sua viagem pelo rio Amazonas.

a chegada do português Capitão de Milícias José Pedro Cordovil na ilha com interesses estritamente comerciais em 1796, como a pesca e agricultura (BETTENCOURT, 1924).

Em 1803, o Conde dos Arcos elevou a fazenda à categoria de Missão, que já estava sob a administração do Frei José das Chagas, que lhe deu o nome de Vila Nova da Rainha. Em 1833, passou a se chamar Freguesia de Nossa Senhora do Carmo. A partir de 24 de outubro de 1848, a freguesia é elevada à categoria de vila recebendo o nome de Vila Bela da Imperatriz até 15 de outubro de 1852, quando foi elevada à categoria de município, com instalação em 14 de março de 1853. E no dia 30 de outubro de 1880, Vila Bela da Imperatriz, foi elevada à categoria de cidade, com o nome atual Parintins (SAUNIER, 2003).

Portanto, a partir desses fatos históricos de Parintins, nos faz investigar e analisar como se deu as ocupações na cidade, que ao longo do tempo, atuaram para a configuração do espaço urbano no seu início como formação de cidade, apesar das poucas evidências que encontramos na paisagem urbana, restando-nos fontes documentais para esclarecimentos e informações com os moradores conhecedores da ocupação, como veremos a seguir.

### **3. CONFIGURAÇÃO URBANA DE PARINTINS**

Não se pode falar em expansão das cidades sem que se faça um retrospecto histórico sobre a produção do espaço urbano, afinal a cidade é o produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais (CARLOS, 2011). Sendo assim, analisaremos o processo de ocupação e a configuração da cidade de Parintins ocasionada pela migração, ciclos econômicos e fatores naturais na acentuação de seu povoamento dos primórdios à década atual.

O crescimento do núcleo inicial se deu quando o município passa a receber órgãos estratégicos para a coroa portuguesa (REIS, 1967). A configuração territorial urbana de Parintins advém do resultado dos processos internos e externos, devido à ocupação dos colonizadores e da igreja católica (presença marcante na formação das cidades amazônicas). E em Parintins uma das primeiras edificações foi à igreja em homenagem a São Miguel em 1669 e depois a São Benedito em 1895 (atualmente praça digital).

Na época, a cidade era composta por poucas edificações, entre elas, além da igreja, residência do capitão de Milícias Cordovil em 1808 (atual escola Araújo Filho), Agência do Correio (1832), Cadeia Pública (1894), Telégrafo (1896), Loja Maçônica (1902), Grêmio Operário (1905), matadouro, Mercado Público, trapiche (1823) e entre outras instituições

residenciais. A malha urbana era composta por 10 ruas, uma avenida e cinco praças<sup>6</sup>, dispostas de leste a oeste e as travessas de norte a sul (BENTTENCOURT, 1924). Notamos uma presença significativa de espaços públicos na época em comparação com a configuração atual com grande déficit de áreas públicas.

Essa configuração urbana da cidade perdurou até meados dos anos de 1940, onde a expansão até meados dos anos de 1950 era de forma gradual, cenário em que o rural predomina sobre o urbano (TEIXEIRA, 2007). O limite do espaço urbano se configurava a leste até a Rua Sá Peixoto (na época denominada de Urubuzal) no bairro da Francesa, a oeste até as mediações da Paróquia de São Benedito; ao sul o aeroporto e ao norte com o rio Amazonas (BUTELL, et al., 2012), como podemos ver na figura 02.



Figura 02: Vista aérea da cidade de Parintins nos anos de 1950  
Fonte: Instituto Memorial de Parintins- organizado pelos autores.

A figura 02 mostra a configuração da malha urbana da cidade de Parintins nos anos de 1950, onde a cidade compunha-se apenas da área central. Essa área central constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas de outros locais pela função de entreposto comercial e ponto nodal (CORRÊA, 2003) já que Parintins se encontra num lugar estratégico em relação a sua posição geográfica, nas margens do rio Amazonas, e servia como paradas para algumas embarcações de grande porte no trapiche.

#### **4. A OCUPAÇÃO EM PARINTINS NAS DÉCADAS DE 1950 A 1960**

---

<sup>6</sup> As praças foram denominadas Silva Jardim, São Benedito, Eduardo Ribeiro, Cemitério, da Matriz.

Com a intensificação da migração, em decorrência dos fatores econômicos (SAUNIER, 2003) a cidade começou a ampliar-se, sendo implantadas novas residências entorno do centro, dando origem aos primeiros bairros com novas ruas sendo abertas, dando uma nova configuração à morfologia da cidade, passando a se expressar ao processo de descentralização, onde o espaço urbano apresenta-se dinâmico, pelo fato do espaço ser reflexo, condição, meio e produto do processo de reprodução da sociedade (CARLOS, 2011).

Em entrevista com antigos moradores<sup>7</sup>, relataram que em meados dos anos de 1940, surgiram as ocupações em torno do núcleo central que deram origem ao bairro de São Benedito (sentido oeste). As terras pertenciam a José Nunes e Alberto Dias, na qual a divisa dos terrenos situava-se onde é a igreja de São Benedito. Nos anos de 1940<sup>8</sup>, seu limite (sentido leste) era até na Praça do Cristo Redentor e o cemitério. Com a construção da Catedral, por questões religiosas, seu limite foi delimitado até a Rua 31 de março. A oeste, seu limite correspondia-se até o sítio “São José” de Lindolfo Monte Verde.

Nessa mesma época, no sentido leste do centro da cidade de Parintins, erguiam-se de forma espontânea as casas que dariam origem ao bairro da Francesa, seu limite compreendia-se na década de 1950 até a atual Rua Sá Peixoto. A cidade começava a se expandir de forma gradual, existindo só caminhos de terra. Melhorando apenas, a partir dos anos de 1970, quando ocorreu o êxodo rural, recebendo infraestrutura adequada com ruas asfaltadas e construção do aterro (1979) na margem da Lagoa da Francesa, gerando ligações de ruas importantes para o comércio do bairro<sup>9</sup>.

No início da década de 1960, com o crescimento populacional, o perímetro urbano expandia-se a oeste (intensificando o bairro de São Benedito), com casas de madeira cobertas de palha. A leste Parintins estendia-se até o final do aeroporto. Ao Norte, rio Amazonas com parte frontal protegida com o muro de arrimo, cais do porto e algumas escadas de alvenaria. No sentido sul da cidade o aeroporto. E a cidade passou a ter ligação com as comunidades do Aninga, Parananema e Macurany através da abertura e melhoramento de estradas (BUTEEL, et. al., 2012).

Em meados dos anos de 1960 a cidade continuou a se expandir e houve a construção do conjunto habitacional da Shan (atual bairro Vitória Régia) em convênio com o Governo Estadual na parte oeste da cidade.

---

<sup>7</sup> Entrevista feita aos moradores do bairro de São Benedito no dia 30/03/2013.

<sup>8</sup> Quando não havia sido construída a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, que ainda estava nas dependências da Igreja do Sagrado Coração.

<sup>9</sup> Entrevista cedida pelos acadêmicos do 4º período (2012) de História da UEA feita com a senhora Dona Rosa, moradora antiga do bairro da Francesa, em disciplinas ministradas pela professora Monica Xavier de Toledo.

A cidade se expande e a valorização do uso do solo começa a transformar as áreas com usos rurais para áreas de interesses urbanos, como é o caso do conjunto da Shan. Essa valorização intensifica principalmente a partir dos anos de 1970 com as migrações, incentivando as primeiras especulações pelas vendas e compras de terrenos.

Essa especulação vai transformando o uso do solo, pois segundo Carlos (2011, p. 46) o mesmo “será disputado pelos vários seguimentos da sociedade de forma diferenciada, gerando conflitos entre indivíduos e usos”, provocando mudanças na ocupação do espaço urbano.

## **5. DÉCADA DE 1970: OCUPAÇÕES DEVIDO À GRANDE ENCHENTE E FATORES ECONÔMICOS**

Em entrevista com moradores<sup>10</sup>, relataram que o início dos anos de 1970, na parte oeste, José Esteves loteou e vendeu seus terrenos, denominando de bairro Itaguatinga, mais tarde nomeou-se de bairro Senador José Esteves. Após a criação do bairro de São José no fim dos anos de 1970 (terras de Lindolfo Monte Verde, chamado de sítio “São José”), o bairro Senador José Esteves foi incorporado ao bairro na gestão do prefeito Gláucio Gonçalves, em benefício da implantação da igreja de São José nas proximidades, e em virtude do padroeiro culturalmente em Parintins obter o mesmo nome do bairro.

Devido ao fator natural como a enchente de 1975<sup>11</sup>, o comportamento da ocupação populacional alterou-se, onde os ribeirinhos foram obrigados a abandonar a área rural migrando para a cidade, registrando a primeira grande concentração demográfica urbana, expandindo os bairros já existentes. A juta<sup>12</sup> também teve uma contribuição relevante para esse crescimento populacional (BUTELL, et al., 2012).

Parintins teve sua configuração espacial modificada, transformando o uso do solo rural em urbano. A ocupação se deu na zona centro-sul nas terras pertencentes a Elias Assayag, desapropriadas pelo poder municipal anos após sua ocupação sendo denominada de Bangú, Nossa Senhora de Fátima e Palmares, sendo esses três bairros os que deram origem ao atual bairro de Palmares e Nossa Sr<sup>a</sup> Nazaré. Terras estas destinadas a “elite” de Parintins, mas com as migrações tornou-se popular<sup>13</sup> (BUTELL, et al., 2012).

---

<sup>10</sup> Entrevista feita com os moradores do bairro de São José no dia 03/04/2013

<sup>11</sup> Segunda maior enchente registrada do rio Amazonas

<sup>12</sup> Uma das principais economias do município que constituiu-se entre 1932-1984 como a principal atividade econômica para o município de Parintins, implantada em 1930 pelo ministro da agricultura do Japão Dr. Uetsuka (ROSAL, 2000 apud MARINHO, 2009).

<sup>13</sup> Seu núcleo inicial era composto por 22 ruas e 61 casas, o mesmo foi dividido em 810 lotes, as moradias eram construídas dentro de um alinhamento, deixando espaços para escolas, quadra de esportes e templos religiosos (católicos e evangélicos).

Na configuração urbana a partir das ocupações, observou-se que a descrição da malha já é constituída de uma generalização mecanicista, regra e modelo seguido à risca visível nos traçados da malha ortogonal (BARTOLI, 2012). Diferente dos primeiros traçados na parte norte, que não seguiram um modelo de quarteirões e ruas do mesmo tamanho, pois foram traçados acompanhando a margem do rio Amazonas, herdados da ocupação inicial.

Ainda na década de 1970, segundo relatos de um morador<sup>14</sup>, nos informou que o terreno do bairro onde reside (Nossa Sr<sup>a</sup> de Nazaré) e o bairro São Vicente de Paula pertenciam à família Santiago, limitando a oeste com terreno do Manoel Ribeiro (atual bairro Emilio Moreira) e a leste com terreno do Elias Assayag (Palmares). Antes, só havia uma floresta densa, existindo apenas um caminho de terra para chegar à olaria dos padres (1960). Em julho de 1975, a família Santiago loteou suas terras e em um acordo com a prefeitura, ofertou seus lotes para a população, dando início ao bairro de Nossa Sr<sup>a</sup> de Fátima (mas tarde passou a se chamar Nossa Senhora de Nazaré, por questões religiosas).

A outra parte do terreno, a família Santiago não doou, foram vendidos pela própria família no início dos anos de 1980, a partir de então criando o bairro São Vicente de Paula. Nesse momento ressaltamos a ação dos agentes fundiários que atuam no sentido de obterem maior renda em uso comercial ou residencial (CORRÊA, 2003), no caso do bairro São Vicente, era especialmente para moradias, haja vista que a demanda de habitantes estava aumentando e até mesmo com receio de novas ocupações irregulares.

O bairro de Santa Clara, situado na parte leste da cidade surgiu no fim da década de 1970 na antiga propriedade do Gentil Belém. Aos poucos, o lugar foi se transformando em comunidade, com as cinco primeiras famílias que passaram a viver no local. Aos poucos, a comunidade foi ganhando forma até se tornar o bairro de Santa Clara como hoje é conhecido. A ocupação do bairro se intensificou com o êxodo rural na época (PARINTINS, 2009).

---

<sup>14</sup> Entrevista com um morador antigo do bairro de Nossa Senhora de Fátima desde 1976, feita dia 23/03/2013





Figura 03: Vista aérea da cidade de Parintins no final da década de 1970.

Fonte: Instituto Memorial de Parintins- organizado pelos autores.

A figura 03 mostra a configuração da malha urbana no final da década de 1970, onde a expansão se acelerou, cristalizando os primeiros bairros e dando início a outros. Percebemos que a malha urbana das ocupações dos anos de 1970, estão distribuídas em lotes de um mesmo tamanho e as ruas estão no traçado ortogonal, ao contrário do centro, cujas ruas acompanham o leito do rio. Nas extremidades da área urbana coexistiam e ainda coexiste a expectativa de ganho dos proprietários (especuladores e incorporadores imobiliários) para um tipo de dinâmica no mercado de terras, a venda de lotes.

A expansão urbana de Parintins não foi causa, e sim consequência como menciona Souza (2002) de um processo mais amplo de crise no campo em decorrência da ausência ou da inadequação de políticas agrícolas. Já que a economia do município baseava-se na produção agrícola e com a crise houve a alteração da estrutura urbana, ocasionada pelas migrações decorrentes de expulsões de pecuaristas.

Assim, a cidade cresce rapidamente e a vida econômica da cidade passa a ser sustentada pela pecuária, não mais pela agricultura ou pela extinta cultura da juta, que deixa suas marcas na paisagem como os prédios das prensas, da Fabril Juta (ocupado pelo boi Garantido) o prédio da cooperativa (ocupada pelo Caprichoso) e outras prensas de juta também transformadas em uso dos bois bumbás (SOUZA, op. cit.).

Assim, a paisagem urbana vai se transformando com o passar dos tempos, resultando numa reorganização da sociedade que vai se adaptando às novas dinâmicas, aonde o uso do

solo vai se valorizando ainda mais com a especulação imobiliária na cidade, surgindo assim novos bairros nos anos de 1980.

## **6. VALORIZAÇÃO DO SOLO URBANO E A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA**

A procura por terrenos na cidade se torna frequente a partir da década de 1980 com a migração da população rural e de pessoas vindas de outros municípios. Essa procura faz com que alguns proprietários de grandes terrenos loteiem suas terras, antes mesmo de ocorrer invasões, assim tornando terras valorizadas. Com isso, Lefebvre (2006) argumenta que as cidades passam a ser geridas e consumidas como mercadorias, aprofundando a contradição existente entre o valor de uso que o lugar representa para seus habitantes e o valor de troca com que se apresenta para os interessados em extrair seus benefícios econômicos, e este conflito vai determinando a forma da cidade.

Na década de 1980, segundo um morador<sup>15</sup>, surgiu o bairro de Santa Rita, terreno pertencente a uma fazenda na época a João Nossa até meados da década de 1960 a 70, e a partir desse período vendeu suas terras para Luís “Teixeirão” que começou a lotear e vender. O local passou a ser chamado de “Loteamento Teixeira” e, conseqüentemente bairro Santa Rita. Nessa época, o aeroporto de Parintins foi transferido para a estrada Odovaldo Novo pelo motivo do festival folclórico ter proporções mais elevadas, sendo construído no local o Bumbódromo em 1988, e no restante do terreno a implantação do segundo conjunto o “Macurany” (atual bairro Raimundo Muniz) através da prefeitura.

O bairro Emílio Moreira foi fundado a partir de um loteamento (no sentido sul do conjunto Macurany) das propriedades do João Ribeiro, inicialmente contava com pouco mais de 50 moradores. Com as vendas das terras do senhor Manoel Ribeiro surgiu o bairro João Ribeiro (1990), fazendo limite com São Vicente de Paula. Em 2007, João Ribeiro foi fundido ao bairro Emílio Moreira (BUTELL, et al., 2012).

Ainda na década de 80, segundo Matos (2011) a prefeitura realizou um novo loteamento na parte oeste de cidade oferecendo a população que na época necessitavam. As residências foram destinadas exclusivamente para mulheres que não tinham habitações. Com inúmeros problemas estruturais por está em áreas inapropriadas, e por sido doado, ficou conhecido como bairro dos pobres, tendo a dominação de bairro São Francisco, por ser o padroeiro dos pobres na igreja católica.

---

<sup>15</sup> Entrevista feita a campo no dia 05/04/2013 com um morador da Av. Nações Unidas

Observa-se que no bairro São Francisco, e no bairro São José, na qual faz limite, há uma concentração de residências precárias situadas nas partes mais baixas do entorno do lago do Macurany construídas como palafitas, ficando latente a aglomeração precária em toda a margem. É nessas áreas alagadiças que no período da enchente a qualidade de vida dos moradores é afetada, tanto pela restrição da mobilidade como do lixo acumulado nas águas.

Segundo o morador entrevistado<sup>16</sup>, com receio de invasões em seus terrenos, por motivo da cidade está se expandido rapidamente, na parte oeste o proprietário João Novo transformou seu terreno em um conjunto residencial na década de 1980 e seu vizinho Dejarð Vieira loteou também seus terrenos e vendeu, na qual antes de se tornar bairro a localidade se chamava “Macucáua”. Ambos os bairros tem o mesmo nome dos antigos donos.

A expansão urbana ocupou outras ilhas vizinhas, assim ocorrendo aterros construídos pela prefeitura (limite dos bairros de Palmares e Santa Rita) para facilitar os trajetos e no sentido oeste, havendo o início das transformações das terras que eram fazendas em bairros.

De acordo com Santos (1994) a cidade, enquanto espaço de produção e consumo de capitais, constitui em si mesma, o lugar de um processo de valorização seletiva. Dessa forma, o capital se move, privilegiando áreas onde possa garantir a sua valorização.

Averiguamos que alguns bairros foram destinados às populações pobres, como o bairro São Francisco, por exemplo, e outras para população de maior poder aquisitivo, como o conjunto Macurany e João Novo (por questões político-partidárias, visando aquisição de votos).

Logo compreendemos que a produção espacial realiza-se na forma de vivência das pessoas e aparece também como forma de ocupação. Para Lefebvre (1973) não é apenas toda a sociedade que se torna o lugar da reprodução, é todo o espaço. Não se trata do espaço formal e abstrato, e sim do espaço social.

A década de 1980 marca a inversão populacional, onde a cidade, pela primeira vez, tem mais habitante que nas áreas rurais. Desde então esta realidade se acentua, como esvaziamento da área rural do município e o crescimento populacional da cidade. Ver gráfico 01.

---

<sup>16</sup> Ibid.

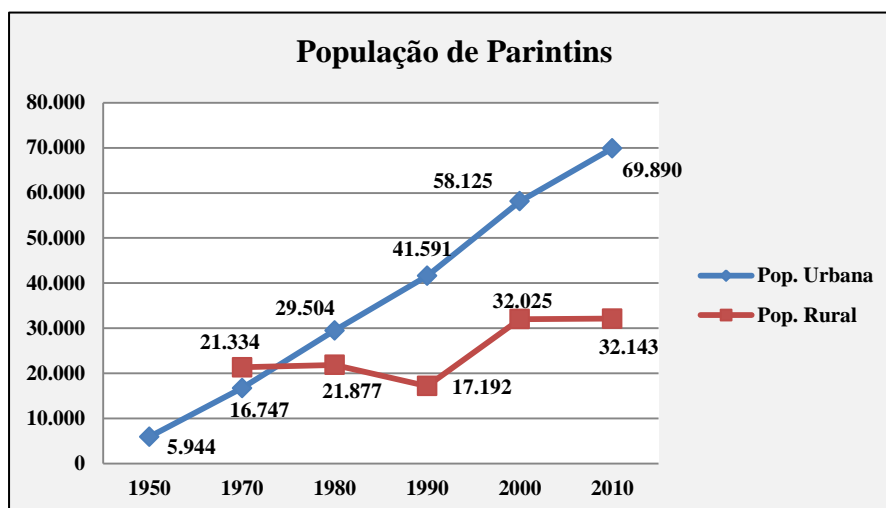


Gráfico 01: População urbana e rural de Parintins  
 Fonte: Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

O êxodo rural aliado ao crescimento vegetativo de 1980 refletiu-se em consequente ampliação do perímetro urbano da cidade. E vindo a acarretar profundas modificações sociais, estruturais e morfológicas do espaço urbano como as ocupações.

## 7. O CICLO DAS OCUPAÇÕES IRREGULARES NA CIDADE DE PARINTINS NA DÉCADA DE 1990

Na década de 1990 ocorreram ocupações irregulares na cidade de Parintins ocupando a parte leste da segunda ilha principal que constitui o sítio. Os ocupantes eram pessoas vindas do interior e de outros municípios. Os impactos dessas ocupações irregulares na morfologia da cidade foram enormes que ocasionaram na transformação e cristalização de bairros, superando até mesmo os limites físicos impostos pelo sítio, onde foram construídos aterros e pontes (a ponte da Rua Paraíba na década de 1990 e a ponte Amazonino Mendes na década de 2000).

Assim surgiu a segunda maior concentração demográfica urbana, motivado pelo primeiro processo de ocupações irregulares de terras, resultando na formação do bairro Itaúna I, Itaúna II, Paulo Corrêa, e este processo contribuiu ainda de forma mais expressiva para expansão de bairros já existente e loteamentos recentes (PARINTINS, 2009). Os conjuntos habitacionais também foram sendo construídos como o Novo Lar, Paraíba e Sílvio Mioto (financiados pela Caixa Econômica Federal) (SOUZA, 2002).

Segundo Rodrigues (2008) o bairro Itaúna I surgiu em 1992 a partir de um grupo de “sem terras” e pessoas que moravam em outros bairros<sup>17</sup> que reivindicavam das autoridades terrenos, já tendo em vista uma área chamada de “Fazenda Itaúna”<sup>18</sup>. Constituído por famílias de baixa renda, apoiados por lideranças políticas, religiosas e movimentos sociais, deram início à ocupação na propriedade do empresário santareno Paulo Corrêa, no sentido norte-sul, obedecendo a certo critério na organização dos lotes<sup>19</sup>.

Assim, com o crescimento da cidade, dizemos que as contradições inerentes em relação às diferenças sociais se revelam através do processo de produção do espaço que ocorreram com a migração, Carlos (2011, p.42) comenta que “são os diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso [...]”. Aqueles espaços que não tem infraestruturas vão sendo ocupados por pessoas de baixa renda, como é o caso desses novos bairros.

No ano de 1994, começa a segunda ocupação irregular da Fazenda Itaúna, a exemplo do itaúna I, teve participação de lideranças políticas e comunitárias. Os ocupantes eram pessoas que não possuíam residências, de comunidades rurais e aquelas que tinham terreno em outros bairros. Após reintegração de posse do proprietário, em 1995 começou novamente a ocupação, desta vez com o apoio da liderança religiosa o diocesano Dom Gino Malvestio, e outras lideranças que almejavam uma residência própria à população<sup>20</sup>. Recebendo o nome de “Bairro da União” e em 1997 mudou-se para Itaúna II (RODRIGUES, 2008).

Carlos (2011, p. 54) cita que “o tipo, local, tamanho e forma de moradia vão depender e expressar o modo como cada indivíduo se insere dentro do processo de produção material geral da sociedade”. Nos bairros ocupados de Parintins, evidencia-se a ampla maioria da população como de baixa renda, seja pela tipologia das moradias, mas principalmente pelas circunstâncias da formação do hoje bairro Itaúna II.

As ocupações também resultaram na criação do bairro Paulo Corrêa no ano de 1995, devido às notícias, as famílias da zona rural e de outras localidades se deslocaram à cidade a fim de obter terrenos e melhores oportunidades em relação à saúde e educação. Causando assim o maior êxodo rural da história de Parintins. O bairro passou a se chamar “Bairro da União II”, e em 1997 na tentativa de sensibilizar o dono da área deram o nome de Paulo

---

<sup>17</sup> Arquivo do Jornal Novo Horizonte, 1992.

<sup>18</sup> Na liderança do Everaldo Batista, que por várias vezes tentou conversar as autoridades e não tendo sucesso, o movimento resolveu invadir a área.

<sup>19</sup> Lotes de 10 X 30 e ruas retas, loteamento este comportando pequenos terrenos onde construíram casas de palha, de madeiras ou mistas de madeira e palha.

<sup>20</sup> A ocupação se deu de forma organizada e houve a preocupação de reservar espaços para escolas, igrejas e etc.

Corrêa. Nada adiantou, no ano de 2002, o empresário entrou com pedido de reintegração de posse, mas lideranças políticas e religiosas negociaram a posse definitiva (ANDRADE, 2009).

Esse contexto nos indica o peso dos agentes excluídos (CORRÊA, 2003) na produção e organização do espaço urbano, implementando disputas por lotes em antigas fazendas, regularizando novos bairros. Interessante é o planejamento urbanístico em relação aos traçados da malha, foi totalmente organizado de forma ortogonal.

A expansão urbana contribuiu para gerar a homogeneidade e heterogeneidade, na qual se dá no processo de segregação socioespacial intra-urbana, que segundo Villaça (2001) se dá por uma vertente econômica, em uma associação entre classes e a moradia decorre de uma luta por localização na cidade.

Torres e Marques (2005) propõem uma discussão sobre periferias a qual interpretam as mesmas e seus problemas por meio de uma heterogeneidade social. Apesar de ser o destino dos menos favorecidos, não há somente um grupo social, mas vários grupos sociais. Foi o que ocorreu com a intensificação das ocupações irregulares na cidade de Parintins, onde há grupos com diferentes classes residentes no bairro.

Portanto, podemos expor que apesar dos bairros se constituírem de ocupações irregulares, não quer dizer que exista somente uma classe social, mesmo que nos primeiros anos da ocupação tenha se formado apenas a população pobre, mas no passar dos tempos os bairros foram se heterogeneizando em relação às classes sociais.

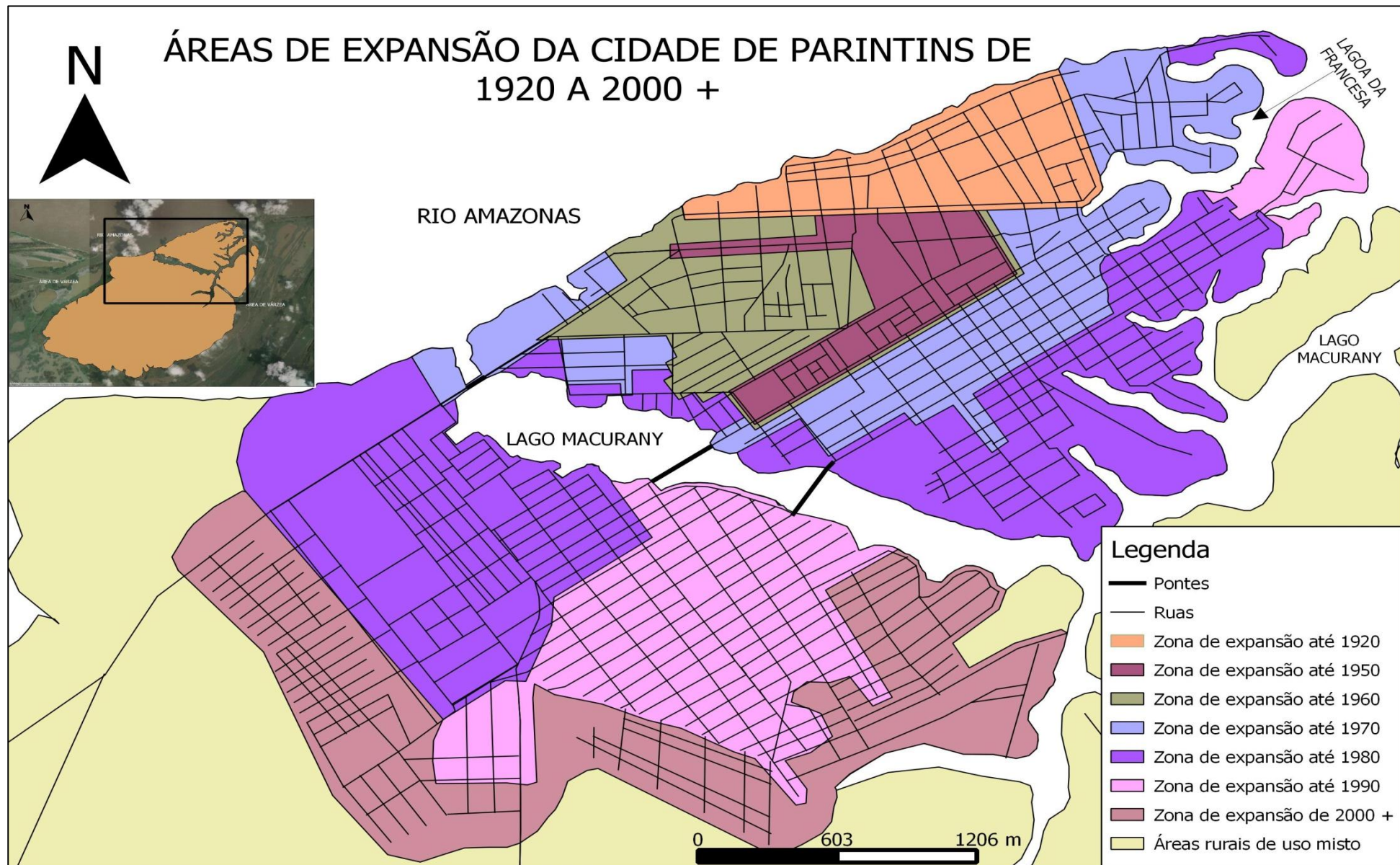
## **8. ESPAÇO PERIURBANO, CIDADE DISPERSA E OS NOVOS LOTEAMENTOS NA DÉCADA DE 2000**

Ao analisarmos os loteamentos surgidos na década de 2000, nos deparamos com a transformação que ocorreu nos limites físicos da cidade de Parintins, o espaço rural o qual possuía sua própria identidade foi alterando no seu modo de vida e organização econômica, cedendo espaço para o urbano.

O ciclo de sucessivas ocupações irregulares causou impactos aos proprietários fundiários das áreas circunvizinhas, donos de antigas fazendas desativadas, que amedrontadas com a rápida expansão do processo decidiram lotear suas glebas na década de 2000. E o planejamento urbanístico dos loteamentos, foram os próprios fazendeiros os responsáveis pelo traçado da malha (largura das ruas, sentido, forma, tamanho dos quarteirões), como ocorreu com o loteamento Paschoal Alágio, terras antes pertencentes ao Manoel Esteves que recebera de seu sogro com o mesmo nome (NASCIMENTO, 2011).

A partir de então os loteamentos surgiram com intensidade em Parintins no sentido oeste, e quase todos receberam o nome dos antigos proprietários dos terrenos. Na parte leste da cidade, vizinho ao bairro Santa Rita, em 2005 houve a regulamentação do bairro Castanheiras, iniciado um processo de urbanização e regularização dos imóveis construídos lá irregularmente (PARINTINS, 2009).

Assim, dessa maneira, a reboque das rápidas ocupações irregulares em acelerada expansão periférica desdobra-se a sobressaltos o espraiamento a dispersão morfológica da cidade (BARTOLI, 2012), como o loteamento Jacareacanga (que pertencia ao pecuarista Osmar Farias), Lady Laura, Tonzinho Saunier e Teixeirão (todos receberam os nomes das famílias loteadoras). No mapa 02 mostraremos as áreas de expansão da cidade de Parintins ocorrida desde a sua formação até a os surgimentos de loteamentos recentes.

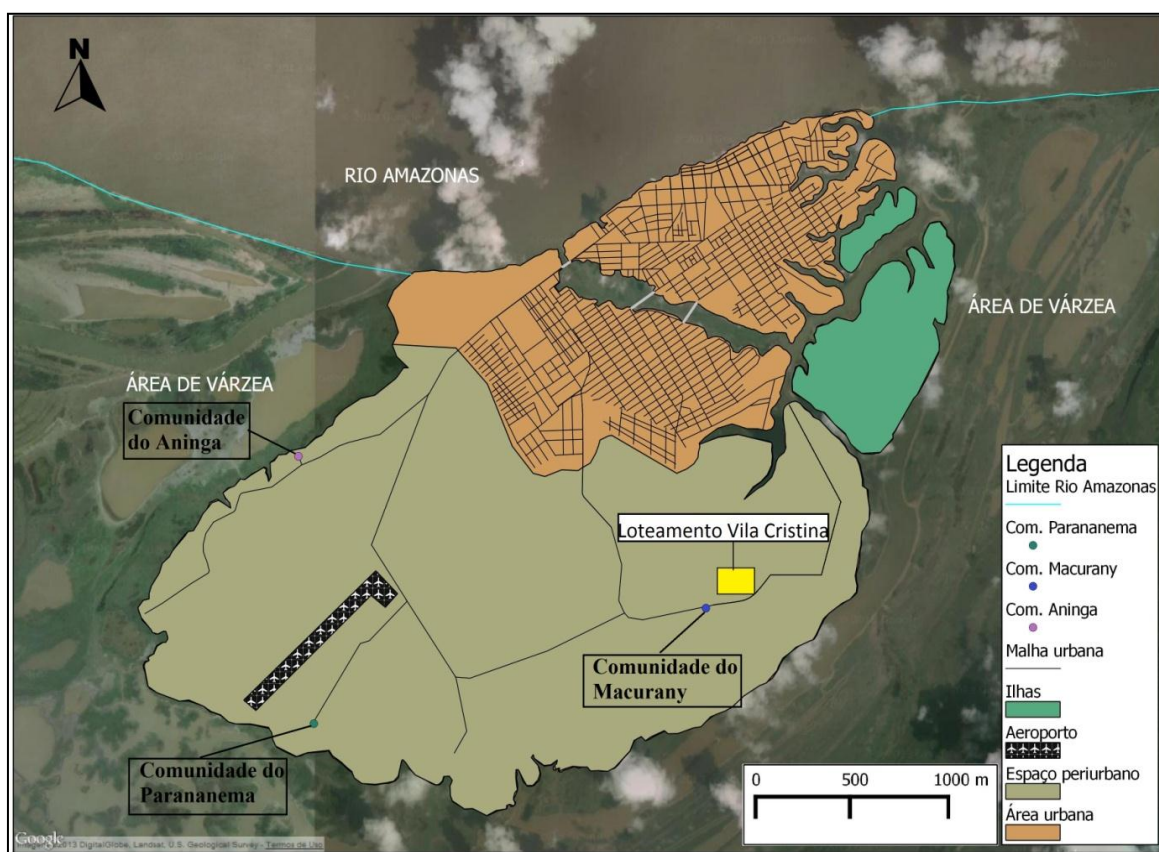




Assim, podemos verificar que a cidade se tornou dispersa integrando aos espaços rurais, segundo Espanha (1991 apud VALE, 2005) em relação à integração do espaço rural pela cidade pode ocorrer por meio de duas etapas distintas: o crescimento compacto e urbanização de áreas mais distantes. A essa segunda forma de urbanização, denomina-se difusa ou dispersa.

Parintins está integrado à forma de urbanização dispersa com loteamentos construídos nas áreas rurais. Vale (2005)<sup>21</sup> conceitua esse fenômeno como periurbano, sendo este “áreas de zonas de transição entre o campo e a cidade, onde mesclam atividades rurais e urbanas na disputa pelo uso do solo” (p. 237), havendo predominância da população urbana que vive em um espaço rural com tendência a valorização na medida em a cidade cresce.

A intensificação dessa mistura é tamanha que dificulta a separação das mesmas. Isso implica que a dinâmica periurbana tenha características próprias pelo fato de ser um espaço rural ou urbano, se tornando plurifuncional. O mapa 03 mostra o limite da área considerada como periurbano.



Mapa 03: Zona de expansão urbana e espaço periurbano.  
Fonte: imagem de Google Earth- adaptado pelos autores.

<sup>21</sup> Realizou sua pesquisa tendo como base os trabalhos de Dematteis (1998), Oliveira (2005), Souza (2005), Steinberg (2003), Entrena Durán (2003), Berger (1980), Zárate (1984), Fernández García (2003) e Espanha (1991), autores brasileiros como Freyre (1982) e Coelho (1999) para o conceito de espaço periurbano que foi tomado como referência para compreender os processos e dinâmicas atuais nas áreas de transição rural-urbana.

Assim, essa plurifuncionalidade pode torna-se a área como de expansão ou espaço produtivo, ou ainda área residencial com ocorreu nas localidades do Macurany, terras pertencentes e regulamentadas aos herdeiros de Dejad Vieira, um empreendimento privado com parceria de financiamento do Governo Federal para a construção de habitações no loteamento Vila Cristina. O mesmo ganhou repercussão na imprensa local por está em Áreas de Preservação Ambiental e de onde foram derrubadas várias castanheiras (SILVA, 2011).

Após vários loteamentos, em 2008 ainda houve a última ocupação irregular ocorrida novamente nas propriedades do Paulo Corrêa. As famílias oriundas dos bairros vizinhos (Itauna I, II e Paulo Corrêa), áreas rurais e outros municípios tornaram a invadir uma parte do terreno desocupado. O poder público procurou adotar certo controle para coibir esta última situação, entretanto, os interesses políticos foram mais fortes e em 2009 a prefeitura comprou as terras denominando-se “Bairro da União” (NORONHA, 2011).

A expansão da cidade de Parintins ocorreu de forma acelerada nas ultimas décadas devido à baixa oferta de terrenos dentro da cidade e as especulações imobiliárias que valorizaram as áreas periurbanas. Ocorrendo invasões e surgindo os loteamentos.

As principais causas dessa urbanização dispersa estão vinculadas a disponibilidade do uso do solo, aos avanços dos meios de locomoção, extensão se comodidades urbanas e novas tecnologias de comunicação (VALE, 2005), em Parintins nesses últimos anos podemos analisar esses fatores que se tornaram visíveis, onde o crescimento da frota de motocicletas propicia maior disposição da formação de moradias distantes, como é o caso do residencial Vila Cristina.

Em relação a esses loteamentos ocorre uma fragmentação do espaço urbano, onde somente as pessoas de maior poder aquisitivo podem morar, tirando o direito à cidade da população habitar, ou seja, o convívio do habitar vai cedendo seu espaço para o habitat (LEFEBVRE, 2006). A população deixa de conviver de um modo que o uso tenha um valor cultural para se adequar ao habitat, obedecendo à lógica funcional das idéias do modernismo, com vivência de moradias planejadas pelo urbanismo.

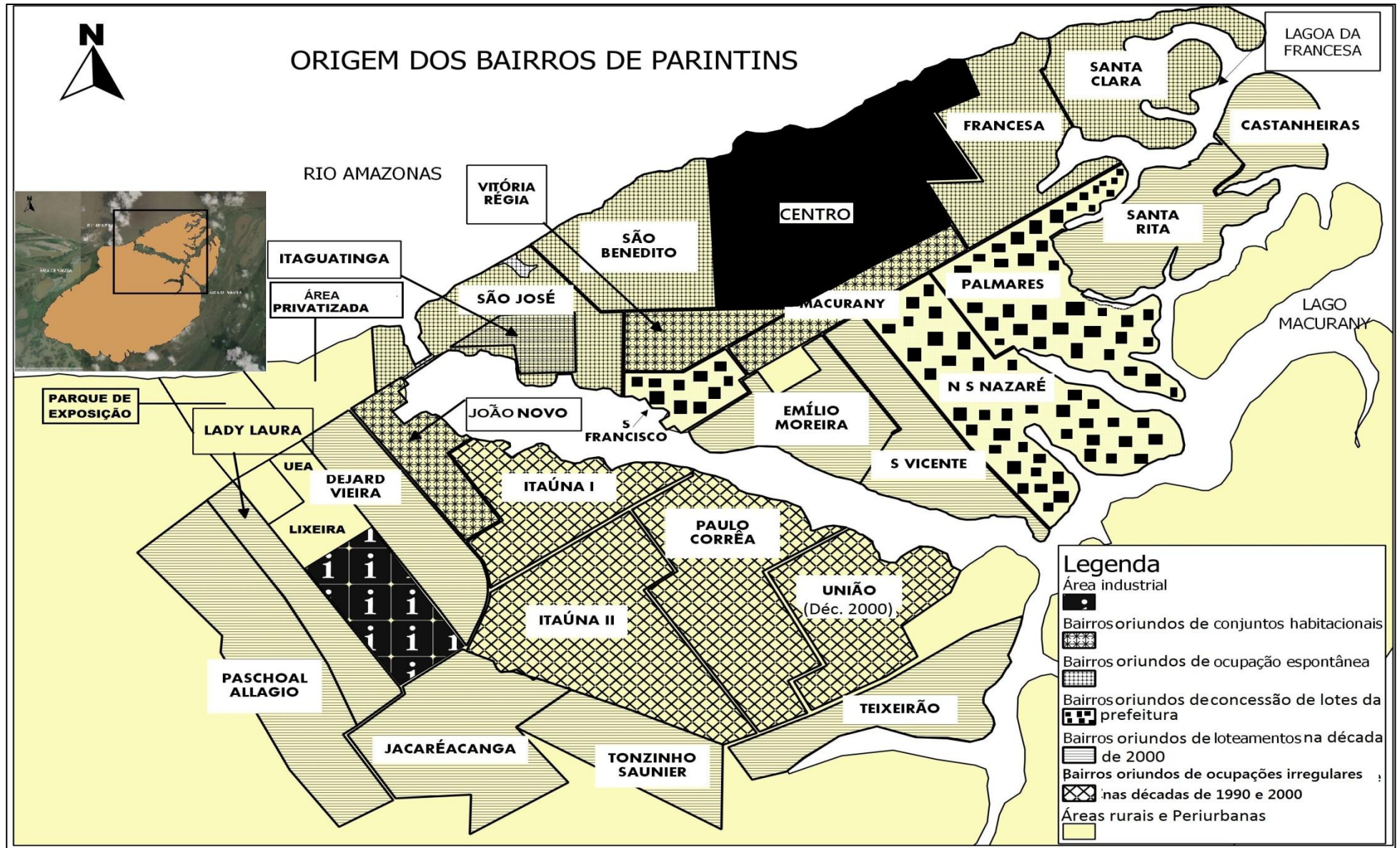
## **9. CARACTERÍSTICAS DA FORMAÇÃO DOS BAIRROS DE PARINTINS E OS LIMITES PERIURBANOS**

Com as informações adquiridas durante a pesquisa, sobre a formação dos 21 bairros e 05 loteamentos da cidade de Parintins, nos possibilitou a compreender o crescimento urbano através das ações e principalmente o peso dos agentes produtores do espaço, em relação aos interesses da transformação do uso do solo rural em urbano.

As áreas de entorno da cidade de Parintins sofreram processos de modificação do solo muito intenso e diversificado, graças, sobretudo, a proximidade do núcleo urbano, dos processos especulativos e de políticas locais que privilegiaram as atividades urbanas em detrimento com as atividades rurais (agricultura, fazenda de gado, etc.).

Entende-se que a urbanização de Parintins possui algumas características ao longo de sua formação, onde podemos perceber que as causas dos bairros terem surgidos são marcados por diferentes fatores durante a dispersão da mancha urbana, e sua dinâmica tem se apresentado de maneira predominante em relação à ocupação.

Elaboramos um croquis com informações adquiridas durante a pesquisa, sobre o surgimento dos bairros da cidade de Parintins.



Croquis 01: Evolução dos bairros de Parintins.  
 Organizador: Rodrigo dos Anjos.

Observamos que no croquis 01, os primeiros bairros foram oriundos de forma espontânea e sendo incorporados gradualmente, pois nos seus períodos de ocupação as áreas de pousio social não tinham sido incorporadas na cidade. Com a valorização do uso solo no entorno da cidade os loteadores transformaram a terra rural em terra urbana.

A ocupação do espaço periurbano está ligada à relação cidade-campo e as decisões que a influenciam, as quais são realizadas por agentes que produzem o espaço. A implantação do loteamento Vila Cristina distante da área urbana da cidade e outras infraestruturas ligadas à cidade como chácaras, sítios e casas de segunda moradia mostram como área rural está se transformando em junção com o urbano.

Os bairros oriundos de invasões se deram não somente pela especulação, mas porque não há interesse da produção em série por vários motivos como aponta Corrêa (2003) o lugar privilegiado de ocorrência de uma série de processos sociais, entre os quais há acumulação de capital e a reprodução social tem importância básica.

A ocupação ocasionou uma dinâmica econômica intensa na cidade acentuando sua economia, tornando-se o centro de uma rede de escala comercial, comprometendo o espaço intra-urbano, acarretando na desorganização do espaço da cidade dissimulando a qualidade do espaço público como falta de praças, de saneamento básico, ocasionando assim efeitos na morfologia pela disposição da malha estruturante.

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo sobre as cidades e sobre o processo de expansão possibilita compreender a configuração das cidades sob a perspectiva da atuação dos agentes produtores do espaço, proporcionando uma visão crítica sobre as modificações do espaço geográfico.

O espaço urbano de Parintins dentro de uma perspectiva histórica fez-se necessário investigar as ações e principalmente o peso dos agentes de produtores do espaço que, ao longo do tempo, atuaram na configuração da cidade e expansão. A partir da década de 1970, os agentes produtores estabeleceram ações para a transformação espacial da cidade, com isso, ampliando-se também os problemas sociais, decorrentes da localização no espaço urbano.

Na década de 1980, ocorre a inversão da população rural para urbana e a cidade se expande, havendo loteamentos de terras pelos proprietários, transformando-as em áreas urbanas em decorrência da especulação da terra. Na década de 1990 houve o ciclo das ocupações irregulares onde a população de baixa renda e pessoas de outros lugares ocuparam antigas fazendas, e com apoio da prefeitura o transformaram em bairro. Nos anos 2000, o crescimento

físico de Parintins pode ser apreendido enquanto resultado do crescimento demográfico, ocorrendo uma fusão das atividades rurais com as atividades urbanas, denominadas de áreas periurbanas. Esses espaços provocam uma dinâmica associada à plurifuncionalidade em relação ao espaço rural e urbano como os diferentes usos do solo.

Com base no estudo da expansão da cidade Parintins pode-se concluir que o processo de produção da cidade é uma dinâmica em curso que reflete as relações sociais e materializa o fenômeno urbano. Pode-se perceber que a expansão da cidade surge como um resultante do aumento da população urbana. E neste sentido, a nossa pesquisa nos possibilitou desvelar a ação dos agentes da produção do espaço urbano da cidade Parintins, ao passo que revelou os conflitos e os interesses engendrados no processo de expansão.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Giciandro P. de. **História e memória:** da fundação do bairro de Paulo Corrêa ao seu processo de urbanização desenvolvido até nos dias atuais. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de História da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP/Parintins-2009.
- BARTOLI, Estevan. **Reflexões metodológicas sobre estudo de morfologia urbana:** o caso de Parintins. In: EGUEAM – Encontro de geografia urbana da Amazônia. CD room – 2012.
- BETTENCOURT, A.C. R. **Memória do município de Parintins:** estudos históricos sobre origem, desenvolvimento moral e material. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado e Cultura, Turismo e desporto, 1924.
- BUTEL, Larice [et.al.]. **Historia e memória política do município de Parintins:** legislatura de 1947 a 1951/Câmara Municipal de Parintins: Parintins, 2012.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria.** 6°. Ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A cidade.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CORRÊA. Roberto Lobato. **Espaço urbano.** 4 ed. Ática: São Paulo. Brasil, 2003.
- LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade.** Tradução e edição: Editora Moraes LTDA. São Paulo. 2006.145p. Título Original: Le Droit a La Ville. Lincoln Institute, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A Re-produção das relações de produção.** Porto: Publicações Escorpião, 1973.
- MARINHO, Thiago Pimentel; SCHOR, Tatiana. **Segregação socioespacial, dinâmica populacional e rede urbana na cidade de Parintins/AM.** *Geografares*, 2009, (7), p. 77-92.
- MATOS, Tatiana dos Reis. **Segregação socioespacial e produção de moradias nas ruas Nova e Tiradentes- bairro São Francisco em Parintins/AM.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP/Parintins-2011.
- NASCIMENTO, E. G. **Loteamento recente em Parintins/AM (Paschoal Alágio):** uma breve consideração e diagnóstico de suas principais características. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP/Parintins-2011.
- NORONHA, Marineide Soares. **Ordem na “desordem”:** a produção de moradias no bairro da União- Parintins/AM. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas- UEA/CESP/Parintins-2011.
- PARINTINS, Prefeitura Municipal de. **Sistema Municipal de Habitação de Parintins**, 2009.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **As origens de Parintins.** Manaus- Amazonas, 1967.
- RODRIGUES, Regiane C. **As origens dos bairros Itaúna I e II “de fazenda a Bairro”:** história da formação do bairro Itaúna e suas transformações sociais. Trabalho de Conclusão

de Curso, apresentado ao Departamento de História da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP/Parintins-2008.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 2º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAUNIER, T. **Parintins**: memória dos acontecimentos históricos. Manaus: editora Valer, 2003.

SILVA, Cristiano J. **A expansão urbana na cidade de Parintins/AM**: um estudo sobre o conjunto residencial Vila Cristina. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas- UEA/CESP/Parintins-2011.

SOUZA, José Camilo Ramos de. **Parintins: uma ilha urbanizada**. Manaus, 1998. 60 f. (Monografia do Bacharelado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 1998.

\_\_\_\_\_. **O boi-bumbá e a nova estrutura urbana de Parintins**. *Revista Somanlu*, v. 2, número especial, 2002.

TAVARES, Anderson de S. **A cidade de Parintins sob o olhar da Geografia Cultural**. *Revista Enciclopédia Biosfera*, N.01, 2005 ISSN 1809-0583, 2007.

TEIXEIRA, Paulo Lobato. **A longa Caminhada**: livro das famílias parintinenses Lobato e Teixeira. Edição do autor, Parintins, 2007.

TORRES, Haroldo; MARQUES, Eduardo. Elementos conceituais da segregação, da pobreza e da ação do Estado. IN: MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (org.). **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais**. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

VALE, Ana. R. **Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano do município de Araraquara (SP)**. 2005. 214f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2005.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute, 2001.